

APOSENTADO... FICAVA SUA AVÓ!

Data de aceite: 01/06/2023

Ney de Freitas Filho

— Você é só um aposentado!...

O petardo foi dirigido ao Manoca, mas os estilhaços foram sentidos por mim e mais três na loja de ferragens. Era brincadeira do Sérgio, filho do dono, mas certas verdades dão alergia. Manoca riu de lado, não devolveu outra troça, como de hábito, e saiu às pressas com ares de antropólogo. Na dúvida, segui-o.

— Espera aí, ô, improdutivo – testeio.

— Aposentado... ficava sua avó! – respondeu, já recomposto nas forças da velha e boa pilhéria. - Esse cara vai ver só. Quem ele acha que é, o dia inteiro sentado, catando um prego e dois parafusos?... Trabalhei 15 anos em indústria!

— Você não vai fazer discurso de “no meu tempo!...”, vai?

— Não. Ele vai ser soterrado em etnografia matusalêmica atualíssima.

E começou outro discurso – o de competição –, fazendo um brainstorming

de velharias de atividade reconhecida e conspícua em nosso bairro, elencando-as numa taxonomia improvisada, enquanto se encaminhava, muito convenientemente, para o seu primeiro sítio de observação participante: a academia do Marcão.

Embeçada num sobrado da Júlio Ribeiro, era uma das últimas academias de Copacabana no estilo hard. Sem ar-condicionado, chegamos ao fim da estreita e longa escadaria de mão única pendurados um no ombro do outro, para nos depararmos, já na roleta, com o primeiro tiozão-avô sarado.

— E aêêêê?!... – soou a buzina desengonçada da calva completa e dois molares faltantes de Procópio, o Pró. Bíceps descomunal esticando a pelanca. Peitoral inacreditável para 70 anos, tanto que a gente esquecia de ver a barrigona, que haveria de ser enterrada com ele, quais fossem os esforços para extirpá-la. daquelas três salas de engrenagens de tortura, Pró quase não saía. Não era preciso mais observação participante para constatar que inócuo também pode ser um

corpo posto em moto-perpétuo. Foi mais fácil a descida.

Manoca enfiou-se decidido na praça Serzedelo Corrêa. Já tinha, certamente, novo conceito borbulhando e em aplicação incontida. Fincou-se como uma biruta de campo de aviação e mirava ora para os bancos de jogo de damas, ora as lojas. Tentei acompanhá-lo as intenções, como um Dupin, de Poe, e sequestrar-lhe o raciocínio. Dona Soninha, do falecido Josemar, comprava a sua milionésima quinquilharia na loja de cristais. Àquela hora da manhã, pululava a terceira idade entre o comércio, caminhadas, bancos, loterias e circunvoluções enigmáticas. Duas senhorinhas se enfiavam em doces na confeitaria. No estabelecimento de grife, madame eternizava-se sobre pulseiras e vestidos. Setuagenárias espocavam nos escoadouros das lojas de departamentos. O entorno varejista, em generoso percentual, era domínio feminino. Uma criatura em anzol, de vetustíssimo terno quadriculado, esmagava uma tímida empada, tremendo na outra mão um cafezinho. A velha confraria, espalhada nas mesas de pedra, apostava e se revezava no caldo de cana, pastel e nas frituras de ambulantes e lanchonetes circunvizinhas. Fiz a conexão. Então, não era preciso mais trabalho, e seria suficiente, tão só, movimentar a economia?

— E desde quando tu botar e tirar a mão do bolso é produzir?

Manoca afetou um esgar de meio segundo, como que impressionado com minha paranormalidade, mas não se fez de rogado.

— Isso é conceito de trabalho novecentista... Não seja alienado. Hoje, tudo é posto em ação por tudo. Qualquer movimento é produtivo...

— Acho que vou virar um passarinho...

— E é mais ou menos isso – engatou –, porque não precisa nem ser real. Hoje em dia é digital. É robô. É aplicativo. Mas em função da “pessoa humana” – foi minha vez de soltar uma careta; ele percebeu e consertou: - Vem cá que eu te explico. Mas fora desse “zumzumzoom”... Você vai entender o trocadilho.

Fingi que não ouvi e abancamos num café. De celular em punho, acessou o canal do Fabrício “Noé”. Tudo fazia sentido, como me explicou:

— Ele começou a fazer isso durante a pandemia para...

— Salvar vidas?...

— Não. Ganhar dinheiro! Um baita dinheiro, meu amigo! Mais de 10 mil inscritos...

— “Arca da terceira idade”? Não acha de mau gosto? Um mausoléu flutuante...

— Como qualquer bingo... Olhe: ele estimula os “colegas”, conversa, fala coisas, faz *lives*, aprendeu vários aplicativos, de edição, de efeitos. Passa o dia editando. Tem marketing, cursos. E dita os quatro passos...

— Paciência 1; Persistência 2?...

— Não! 4 passos, mesmo, para chegar até a mesa da sala. Para a cozinha são cinco...

— E o conteúdo?

— Vai sendo gerado. O importante é a coisa em movimento. A associação livre. A

cumplicidade. As trocas. As pessoas falando, falando.

— O papo furado...

— Isso. É... no final, é isso. Já vi que você está de má vontade. Então, vamos ver um caso concreto, de conteúdo, de peso e resultado formal. Vamos lá na comunidade, no Pavão-pavãozinho, ter com o Tio Valério, da serralheria. Sabia que ele conserta violão e que já trocou cravelha do mão-de-vaca e do Turíbio?

— Tá maluco? E o que tu vai dizer pros caras de metralhadora lá no beco de acesso? Que é do Censo? Quer saber quantas granadas de mão, quantos quilos?...

Ele já fazia sinal pro táxi na Nossa Senhora de Copacabana. Tentei demovê-lo do cientificismo suicida com um argumento de base empírica.

— Mas Manoca, tu faz um monte de bico. É síndico. Todo ano tu vai ver seu filho na Espanha e passa três meses rodando a Europa... Tu é que é o exemplo...

— Meu filho – e fez-se de desentendido –, ele foi pra lá casado e trocou a mulher dele na Espanha por outra... brasileira... Ele é que é exemplo de inércia, mesmice. Mas tem boa casa de veraneio no Mediterrâneo.

Entrou no táxi tão determinado que nem se lembrou de chamar-me. À distância, vi-o gesticulando com o motorista, provavelmente tentando explicar o exótico itinerário.

Respirei fundo, mas não aliviado. Tudo aquilo havia sido ao mesmo tempo extremamente empolgante e de uma inutilidade ímpar, tendo nós dois, sim, participado de todas aquelas atividades, mas sendo, de certa forma, só cúmplices, espectadores, “curtidores”, ou no mínimo dado um “like” ambíguo. Toda atividade, no fim, se bem aquilatado, é uma finalidade última só para os outros; é, em si, e, no fim, inútil, ou sem sentido, pois é finita e depende, mesmo, somente do valor que a pessoa atribui àquilo que faz, da paixão, dos acumpliciados no caminho, da teia de significados, do sentido, da história vivida e que ainda se vive. Porém, visto de fora, de um observatório cético (ou cínico), tudo é risível e, até mesmo, ridículo. Até meu querido ócio, esse maravilhoso cadinho de genialidades, que faz gerar tanto a depressão como a obra de arte, colocado no microscópio, é puro vácuo. Mas o que realmente resiste é esse misterioso circuito que liga as nossas existências, mantendo-nos em contato, forçando-nos a essa incessante atividade que pauta a criação constante de novos objetivos, independente dos meios, das graças, dos rebolados. É nesse fluxo que mergulhamos, nadamos com afinco ou boiamos, dependendo do nosso humor do dia, ou descanso, ou disposição, mas nele nos registramos, em todo e qualquer ponto da régua que traça, no tempo, a nossa medida.

E isso me lembrou de que eu havia esquecido na caixa o passe-partout – ou fita isolante, como se diz hoje em dia. Voltei à loja do Sérgio e, na saída, ainda pude ouvi-lo, sem ironia, lamentar-se com outro cliente:

— Eu não vejo é a hora de me aposentar desses parafusos...